

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

Antes de mais convém esclarecer aqui o conceito de cultura. Duma maneira global mas sintética, para nós, aqui e agora, é o conjunto de acções que informando melhor o homem o ajudam a actuar na melhor praxis. «Anda-me, carai!», dirá para os seus botões a prima Zefa, «isto é de rebimb'ó malho!...»

Não é, não. Queremos tão só dizer na nossa que há coisas que afectam o homem, tais como música, teatro, filmes, aulas, leituras, palestras, exposições e que melhor o preparam para pensar de um ponto de vista mais ortodoxo e actuar de acordo. Claro que ligado ao conceito de cultura encontram-se o de civilização e ainda o de educação, mas estas coisas não são agora para aqui chamadas.

COMO VAMOS DE CULTURA?

Fiquemos então com o nosso conceito de cultura e vamos insistir de novo: que cultura é praticada em Fão ou no próprio concelho? Perguntado de outra maneira: que meios existem na terra para a educação dos seus habitantes?

Alguma coisa existe como é óbvio: escolas de ensino básico, educação de família, leitura de jornais e, recentemente, de livros na biblioteca — o próprio jornal «O Novo Fangueiro» é uma expressão de cultura — as conversas nos cafés, os diálogos no Socratino e enfim, a televisão, embora esta como os demais factores seja uma faca de dois gumes. Tanto educa como anestesia. Mas isto também não é para aqui chamado.

E salvo uma ou outra exposição, por altura das festas do Senhor Bom Jesus, sob a égide dos Bombeiros, nada mais digno de registo se tem verificado na terra de Fão, seja por conta da Junta, seja por conta de uma entidade particular qualquer.

Bom, mas este atavismo já vem de longe, com a honrosa excepção das «revistas» cujo valor cultural não é ou não era denso, mas com uma certa vertente baírrista e tradicionalista. Por sinal, compulsando o «Esposendense» de 19 de Dezembro de 1906, pudemos ler esta correspondência de Fão: «No salão de bilhar do Clube (Fãoense) bouve na noite de domingo um concerto de violino, música excêntrica.

O pior foi que a maior parte dos sócios daquela casa de recreio tiveram a excentricidade de se ficar por suas casas, com suas mulheres e seus filhos e por isso o concerto anunciado tornou-se num tremendo fracasso.»

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

AMÂNDIO CARAMALHO



Nesta galeria de pessoas diferentes que aqui nasceram, vivem, viveram ou morreram foi nosso desejo realçar hoje um daqueles filhos da terra que fazem parte da diáspora fanguieira espalhada pelo mundo e que são parte integrante da entidade que se chama Fão. Com efeito, uma terra é constituída pela natureza que a delimita, o conjunto de seres que a habitam, o património socio-cultural e material que nele se desenvolveu e os filhos distantes que por laços familiares e afectivos a ela estão ligados.

Ecolhemos um desses fanguieiros ausentes e nele homenageamos todos os filhos de Fão que labutam e vivem fora de portas. Ele é Amândio Caramalho, um dos conterrâneos ausentes que mais vive Fão. Numa cascata evocativa ele traz até nós outros fanguieiros que estavam ou ainda estão no Brasil, de alguns nos lembramos ainda; de outros, apenas ouvimos falar. Mas ouçámo-lo:

Nasci no dia 21/3/1918, único filho de um segundo casamento da minha mãe, já viúva com 7 filhos e que se casara com um cunhado mais novo 13 anos, para poder ajudar a criar os 7 sobrinhos. Com tanta gente para cuidar, certamente o dinheiro que meu pai ganhava não dava para atender as despesas de tanta gente cuja situação piorava quando as doenças, e principalmente a «Febre Amarela» atacavam e obrigavam a se desfazer de alguns bens que haviam adquirido.

SOBRE O CASO DO PARQUE AUTOMÓVEL DO HOTEL DO PINHAL

(LER NA PÁG. 6 E 7)

Assim, passei a minha infância como todas as crianças pobres da época. Morando na rua da Cruz, sem dúvida os meus amiguinhos teriam de ser os mais próximos e na certa os vizinhos. Então nossos brinquedos teriam de ser com o Tino Cóxinha, o Luiz e Amândio Padeiro, o Carlos Folheteiro, o Álvaro Manuel Pedro, o João Sineira, o Alaio e já mais crescidinhos o Alvarino, o Casimiro Machado, etc. Das famílias vizinhas, além dos meus primos e primas, filhos do tio Custódio, o barbeiro, e da Lailai, lembro a tia Seráfica Carneira e suas filhas, e loja das Bispas, prima Rosália Tutta, e nos fundos as Franciscarrosas e mais as Freitas. Dos factos da época, lembro-me da fama dos Lírios, dos Ventosas, e da tentativa do assassinato do cabo Peixoto na festa da N. S. da Bonança, do incêndio da loja do senhor Américo Calheiros, na rua da Areosa e a posterior fundação do Corpo de Bombeiros.

Na escola, dos colegas de turma, lembro-me apenas da Diva das Pedreiras, casada com o Cândido Teixeira, do Artur Saraiva, da Madalena Morgado, da professora dona Palmira, e da disputa com o Manuel Antero, na missa da matriz, a pedir uma esmolinha para o SS. Sacramento, pisando nas saias das mulheres ajoelhadas e a furar no meio delas para conseguir melhor colecta.

(Continua na pág. 2)

AGORA, NESTE FINAL DE VERÃO...

CARTA AO DIRECTOR

Por JOÃO DE FREITAS

Meu caro Armando. Estimado Amigo:

Devia, de há muito, este «artigo» ao teu Jornal. Ao teu — (nosso) —, Fangueiro. À tua «folhinha»; essa delícia de bem comunicar. A «folhinha» de Fão. Valiosa pelo seu conteúdo. Pelo tom e pelo bom senso com que é «feita». E, pelo equilíbrio da sua própria forma. Com «coisas» para ler, para reter e para guardar.

Sente-se que O Fangueiro é um pouco o próprio Armando Saraiva. Um predicado comum, maravilhoso: a humildade cativante de ambos.

Sente-se que o Fangueiro é feito com amor e, com muito carinho. O mesmo carinho e amor que tu, meu amigo, dedicas à tua terra de Fão e às suas gentes. Sem esque-

(Continua na pág. 4)

AMÂNDIO CARAMALHO

(Continuado da pág. 1)

Aqui já existiam muitos fangueiros e poucas famílias e por isso todos se visitavam, e eu me lembro que eram poucas. No bairro da Saúde, na rua S. Francisco da Prainha, havia o botequim do Elias Ala, casado com a Arminha Turra, onde faziam a concentração dos fangueiros embarcações e para onde a maioria dos familiares de Fão enviavam as suas correspondências. Próximo morava a minha tia Ana Faneca, casada com meu tio José, irmão do meu pai, e na rua do Livramento morava a Elisa Carlota, casada com José ou João Paulino Lopes. Em S. Cristóvão, para onde fomos morar, residiam na rua Escobar n.º 73, as Galegas, a mãe casada com Antônio Martins e sua filha Helena, casada com o Américo Reis, motivo pelo qual também lá ficavam quando vinham da viagem, meu padrinho Amândio Reis, pai do Barra Reis, e o Manuelzinho Reis que fazia o Curso de piloto, já que os outros eram imediatos e comandantes da Marinha Mercante. Mais adiante estava a senhora Aninha Veiga, casada com o Salomão Pedrosa, mestre da Barca d'Água e lá morava o David Machado recém-chegado e mais os seu cunhados Lameque e Alfredo Veiga. Eram estas meia dúzia de famílias que aqui estavam e onde se reuniam todos os demais. O bairro da Saúde tinha a maioria por ficar mais próximo do cais. Lá conheci o Sebastião Troia, o Ramiro, irmão da Belmirinha Bordadeira, os Joãozinhos Carneiro — eram 3 — tendo mais tarde sido parceiros do Comprido, quando fui trabalhar de servente de trolha com o João Ventosa, que depois veio casar com a Elvira Gonçalves. Na casa da tia Faneca conheci os que moravam lá, como o Toneca, o Antônio Pedrosa, o Lameque, o João Calafate (conhecido como João Feio) que depois de piloto se casou com minha prima Augusta Faneca, o Carlos Cardoso, etc. Depois vieram chegando outras famílias e nossa casa era um dos pontos de encontro e referência para os recém-chegados. Lá moraram a Rosa das Voltas, casada com um fangueiro conhecido como Alberto Cachorro e minha prima Elvira Fraça, casada com o Luiz Setenta, a Rosa Consul e o João Consul casado com uma das Reis Graça (me parece), o Antônio das Voltas, tio do Herdeiro, que também lá passou alguns dias com o tio quando esteve aqui em rapaz e voltou para Fão, o João Cuão, o Zé Fino, o Paralta, etc.

Lembro-me do Cândido Laura que ia fa-

zer seus lamentos com minha mãe, de meu primo Inácio Lopes, casado com a Ana Vicenta, e cujos filhos Alberto e Inácio Lopes ainda pouco lá estiveram em Fão e suas filhas Cremilda e Iracema que estão em Porto Alegre e a Bina que é casada com o Eugênio Ventura (de côr) e também o seu irmão Quim. Da Beleza, da Mariana e de muitos outros. Os Setenta, além do Luiz, o Zé Setenta, casado com a Belmira, a professora de quase todas as bordadeiras de Fão, pai do professor Ramiro, e mais os seus irmãos Nelinho, Toninho e Amândio, que nasceu um dia antes de mim. Aliás nesse ano de 1918 foram 4 crianças que tomaram o nome de Amândio: eu, o Setenta, o Padeiro e um outro das Pedreiras. Aliás sobre o Zé Setenta lembro um facto interessante em relação a ele: em 1930, numa epidemia da «febre amarela», tivemos que escondê-lo num galinheiro, para a Saúde Pública não o levar. Nessa ocasião ele morou uns tempos em nossa casa em S. Cristóvão. Havia outros fangueiros como o Sobral, irmão da senhora Ângela Sobral que morava no Ramalhão e que ainda em 1982 me pediu para que eu dissesse às sobrinhas daqui, da necessidade de entrar em contacto com ela, em virtude de sua idade avançada.

Os mais bem situados na época eram os Veigas, cuja serraria, embora já estivesse vendida para os Vieiras de Esposende, ainda servia de atendimento aos que chegavam o Manuel Pinheiro Borda (que terminou os seus dias em Fão), e o Mariz que doou a Cantina para a nossa escola.

Havia ainda muitos rapazes como os meus irmãos, que só conheci aos 9 anos, o Avelino Fulão, o Artur Sobral e seu irmão João que também morou alguns dias na nossa casa; o David Machado, recém-falecido, o Alberto Vicente, o Aparício (das Saúdes), o Álvaro Casanova e depois sua mulher Júlia Dodão e seu irmão Antônio Dodão, o Zeca Paranhos, o Júlio, o Álvaro e o Alfredo das Galegas, casado com Zulmira Pelica, os irmãos Pintores que eram o Juvenal, Elisabeto, Domingos, Antônio (casado com minha prima Ana Martinha), o José, depois meu cunhado, porque casou com minha irmã Isolina e o Joaquim. E muitos outros que vieram depois como o Manuel e Alexandre Belo e ainda outros que sem dúvida não posso recordar ou não tive contacto com eles. Esqueci dos antigos o Chico Gageiro e seu irmão João Lapapinta.

Depois vieram chegando mais familiares, como a Micas Cardoso, casada com o Zé mano, a Ana Cardoso, casada com o Neca Pelica, a tia Helena Manca e filhas, a minha prima Micas Tuta casada com o Antônio Herdeiro e filhos, e mais todas aquelas famílias que conseguimos reunir na festa do Coringa em 1973, quando veio o meu primo Tino Glória e Laidinha, o Carlos Turra e esposa, o Padre Avelino e irmão Manuel que já havia voltado a Fão. Nesse convívio conheci o Abel Torres e esposa, o Adriano Quintas, Alberto Simões, amândio, Cabral das Pedreiras, Engrácia Reis e mais o Edmundo, João e Avelino Reis Graça, os Vilasboas, as filhas da Letinha, o Jesus Viana e outros mais que estavam fora do Rio como o Joaquim Viana e a Saragoça de Palotas, os irmãos Campos Morais, e outros que viviam fora do convívio.

Também aqui estiveram por pouco tempo e voltaram com saudades, o Vieira da tipografia, o Maia que chorava todos os dias, o Mário Belo que decorou bem a «Camisola dos Dias» e «Sassaricando», o Adelino Saraiva, e muito antes, o Albino Torres com quem che-

guei a trabalhar de seu ajudante de pintor de paredes. E tantos outros.

Por volta de 1935, muitos foram conseguindo pensar em adquirir a sua casa própria em Olaria que era um subúrbio do Rio. Afastado do centro hoje com a expansão da cidade, Olaria é bairro central e lá já moravam dois Calafates, o Eurico e o Antônio, conhecido como Antônio Mico, casado com a Helena Manca (mãe do Nelson), que foi puxando os fangueiros para lá. E nós fomos o primeiro, depois a Micas Cardoso, o Carlos e o Neca Pelica, todos na rua dr. Nunes; o João das Quintas casado com a Maria Reis, a Cândinha, casada com o Antônio Lopes, a Micas do Herdeiro, a Bina Chita, o Manuel Cantoneiro, meu irmão Neca, a Rosa, Micas e Ondina Manuel Pedro casada com meu primo José Caramalho ou Zé Faneca, a Amélia, mãe do Manuelzinho Penetra, que quando chegou morou lá em casa, o Antônio Cardoso, o Antônio Pintor com a Ana Martinha e filhas, a senhora Helena Morgado e filhas, Álvaro e João Manuel Pedro e outros que não me recordo.

Hoje muitos estão dispersos e a grande maioria, já idosos e falecidos, sendo que alguns têm filhos formados em Cursos superiores que empolgados pelo sucesso e pela herança dos pais, esquecem-se dos sacrifícios que eles sofreram e pouca importância dão às suas origens. Nós, no entanto, que somos saudosista e gostamos de relembrar as lutas do passado, gostamos sempre das recordações, e isso fazemos em todos os sectores de nossa vida. Por exemplo acabamos de comemorar nosso 46.º aniversário de formatura, reunindo ainda um grande número de colegas em animado almoço, e frequentamos as Assembleias do Sindicato dos Estivadores, do qual fiz parte e onde nossos familiares se entrosaram desde 1923, para sustento de suas famílias.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Há uns anos atrás o P. e Borda costumava levar para o Clube Fãozense um giradiscos que punha a tocar no salão de baixo para um reduzido número de ouvintes. Poucos mas muito interessados. E o P. e Borda antes de cada disco ou de cada partitura, lá ia explicando a génese dos mesmos, os temas, as técnicas aplicadas. Depois disso lembrámo-nos de um arrojado festival de teatro organizado pelo Zé Artur que teve de lutar contra a inclemência do edifício do salão, a inércia de uma população acomodada e o cacarejar dos Velhos do Restelo.

Ainda falando de iniciativas culturais, poderemos fazer uma referência aos teatro da JOC e a algumas acções levadas a cabo pelo M.P.C.C., um movimento juvenil que teve em Né Vieira o seu pivot de arranque mas que acabou por se cansar de existir e por isso morreu.

Já agora uma referência ao coral da Matriz onde coexiste cultura, às actividades circum-escolares das nossas escolas e ainda à ex-fanfarrã do ex-núcleo do C.N.E. de Fão. Que é dela e o que é dele?

(Continua)

Longa Vida



o que é bom da natureza

O QUE É O DIAMANTE



Por **JORGE SANTOS** (Joalheiro)

O diamante é uma espécie mineral constituída por carbono puro (grafite), ou seja, uma variedade alotrópica cristalizada do carbono (sistema cúbico),

Em composição, o diamante é a mais simples de todas as pedras preciosas; é pouco mais do que um carvão comum cristalizado.

Explorado há mais de 2.000 anos, o diamante possui uma dureza elevadíssima, a mais dura de todas as pedras preciosas, atingindo o máximo, que é o termo 10, da escala de MOHS.

A palavra «diamante» (do grego ADAMAS, que significa «invencível») sugere a força e a eternidade do amor.

Os antigos chamavam-lhe a pedra do Sol, devido ao seu brilho faiscante. Se, «o amor é fogo que arde sem se ver», o diamante é fogo que se vê, mas não arde.

OS PRIMITIVOS PRODUTORES

Houve outrora produtores importantes, como, Bornéu, Índia e outras regiões do Oriente.

Em 1721 foram descobertos no Brasil notáveis jazigos de diamantes, em particular nos (actuais) estações de Minas Gerais e Baía.

Essa exploração incidiu sobre os depósitos aluvionários. No continente africano, o conhecimento dos primeiros jazigos, remonta a 1867; foram explorados primeiramente os aluviões dos rios Orange e Vaal e mais tarde foram descobertos os célebres «pipes» de «Kimberley, além de outros secundários.

Actualmente a maioria dos diamantes provém da África do Sul, do Sudoeste Africano, onde até se explora o fundo do oceano, da África Central e Tanganica, e ainda de Angola, onde se exploram activamente numerosos jazigos de aluvião.

Parece no entanto que em Angola a exploração do diamante ultimamente não está a ser rentável, desconhecendo-se as causas, embora se imaginem.

AS IMPRESSÕES DIGITAIS DOS DIAMANTES

Tal como o homem, também os diamantes possuem «impressões digitais» características, que os distinguem uns dos outros e permitem a sua identificação imediata, graças a um aparelho de raios «laser», fabricado actualmente pelo Instituto Weizmann, de Israel.

PORQUE RAZÃO UM DIAMANTE É TÃO PRECIOSO?

Toda a gente sabe que um diamante é precioso, mas nem todos sabem porquê. Eis algumas das razões que justificam o seu grande valor:

A DUREZA — O BRILHO — A RARIDADE e o CUSTO DA EXTRAÇÃO.

Mas entremos um pouco nos pormenores técnicos de cada uma dessas razões.

A DUREZA

O diamante é, como já dissemos, a substância mais dura que se conhece. É muito mais duro que o coríndio — que é o corpo depois do diamante — de que se compõem os rubis e as safiras.

A dureza do diamante é de tal ordem,

que jamais se desgasta. Muitos diamantes passam de mão para mão através de heranças, conservando sempre intacta a sua beleza.

O BRILHO

Graças ao seu poder de refração, o diamante parece atrair a luz. Os raios luminosos dirigem-se para o centro da pedra e, por reflexão, são devolvidos para a superfície. O diamante é tão duro que se pode polir até se conseguir um brilho incomparável. E, como o poder de dispersão ultrapassa o de qualquer outra pedra, o diamante reflecte nas suas facetas todos os combinantes das cores do espectro.

A RARIDADE

Pode surpreender, mas a produção de diamantes é maior hoje do que em qualquer outro momento da história; no entanto o aumento contínuo da procura, faz com que os diamantes continuem a ser muito raros.

O CUSTO DA EXTRAÇÃO

Nas minas da África do Sul os mineiros têm de descer a profundidades muito grandes, para extrair o minério do diamante (a Kimberlit ou rocha azul) e trazê-lo à superfície, onde é triturado e lavado até se obter um resíduo rico em diamantes.

Faz-se então passar este resíduo sobre uma mesa coberta de gordura, onde ficam agarrados os diamantes, pois estes tem a propriedade de resistência à água, enquanto o restante — terra e cascalho — é levado pela água. Para se obter um só diamante em bruto, que depois de lapidado fique com um quilate, calcula-se que é preciso dinamitar, trazer à superfície e tratar, aproximadamente... 250 toneladas de minério.

COMO AVALIAR UM DIAMANTE?

Atendendo aos mais ínfimos pormenores que desempenham vital importância na avaliação de um diamante, temos que considerar sempre os quatro factores preponderantes que determinam o valor real desta pedra preciosa, que são:

PESO — CÔR — PUREZA — LAPIDADO

Mas analisemos cada um destes quatro factores:

PESO

O peso de um diamante calcula-se em quilates, uma palavra que vem das antigas medidas de peso usadas nos mercados do Oriente.

Cinco quilates equivalem a um grama, dividindo-se cada quilate em 100 centésimos.

De salientar que, quanto mais pesado for um diamante, mais aumenta, em relação ao seu valor, visto que as pedras maiores são mais raras. Por essa razão, um diamante de dois quilates vale mais do que o dobro de um diamante de um quilate de qualidade idêntica.

A CÔR

Os diamantes podem possuir toda a espécie de tons magníficos. Embora a maioria dos diamantes pareçam brancos, muitas vezes têm uma tonalidade amarela, dourada, castanha ou ainda negra.

Esta tonalidade pode ser tão imperceptível que só um perito a pode distinguir. Os diamantes de um branco puro de cristal, a que erradamente chamamos branco-azul, são muito raros e, consequentemente, de valor muito elevado.

O célebre diamante ESPERANÇA é azul. O DRESDEN, uma das joias da coroa do Sa-xe, é verde-maçã.

A PUREZA

A maioria dos diamantes tem pequenas imperfeições, próprias da forma como «nasceram» da natureza.

Se essas imperfeições forem pequenas e não prejudicarem a passagem da luz através da pedra, não diminuem a sua beleza e pouco influem no valor.

Um diamante diz-se limpo, se uma vista experimentada não conseguir ver qualquer impureza, empregando normalmente uma lente que o amplie dez vezes.

O LAPIDADO

Qualquer que seja a cor e a pureza do diamante, só uma boa lapidação fará enaltecer a sua total beleza. As proporções terão de ser escrupulosamente respeitadas. Todas as facetas, mesmo as mais pequenas, têm de ficar simétricas e polidas, segundo um ângulo que não deve variar mais de meio grau.

PORQUE RAZÃO ALGUNS DIAMANTES BRILHAM MAIS DO QUE OUTROS E, COMO É QUE ISSO PODE INFLUENCIAR NO VALOR?

A harmonia da lapidação é a «alma» do diamante, pois essa perfeição faz reflectir a luz e até o centro da pedra pode irradiar milhares de chispas.

Os lapidários de diamantes são dos artistas mais habilidosos que existem. É pelo seu trabalho que um mineral se transforma na mais brilhante das pedras preciosas. Em virtude de muita gente confundir ou ignorar a diferença entre as palavras «BRILHANTE» e «DIAMANTE», esclarecemos que «brilhante» é uma forma de lapidação do diamante.

Para concluir, diremos: Além do diamante constituir a melhor forma de investimento, fixe esta verdade:

UM DIAMANTE É PARA SEMPRE.



AGORA, NESTE FINAL DE VERÃO...

(Continuação da pág.1)

ceres nunca o seu património histórico e cultural. Invejáveis. Herança de muitos séculos.

★

Acabou-se-me o «fado» de obrigar-me a ter de apenas «passar» por Esposende. A minha terra. Durante longos anos assim aconteceu. Quando ainda era vivo o meu saudoso amigo que era o Eugénio Cardoso, parava sempre ali pela Conservatória e, lá fomos nós até ao pé do rio para conversar. Tantas vezes, horas a fio. Ponto da situação, invariavelmente, a inanição doentia em que se vivia...

Depois, era a passagem obrigatória, sempre agradada, sempre querida, pela Farmácia da Dona Isabel. Afó o «tom» era outro. Era o «saber» dos amigos de perto e de longe. Rever o «ontem», tantas vezes. Lembrar como «Em Esposende, antigamente era assim...!» E sempre com saudades... Mas, agora, já tenho «sítio» para pousar. Aqui, para os lados do Fanico. Muito perto do rio e, a ver o mar. Regalando-me a poder «falar» com ambos. Sobretudo em todas as manhãs serenas que convidam à meditação... E, como é bom estar por ali, sem ninguém e sem barulhos, a «encontrar» a natureza. E, a reviver os tempos da longínqua meninice. Certo que já não há «catraias» e velas desfraldadas ao vento. Nem meninos com barquitos de «folheta» brincando desprevenidamente. Mas, felizmente quando me «encontro» por ali, ainda não há «corridas» pela marginal, nem «outros» meninos a «brincar» com barquinhos lindos a motor...

★

Pensei escrever este artigo, lembras-te Armando, — (e devia tê-lo feito) —, quando fui surpreendido, bem longe estava do meu país, pela notícia do brutal acidente que ceifou a vida ao meu querido amigo ALEXANDRE LOSA FARIA.

No meu quarto de hotel em Amsterdam resmunguei a mim mesmo, com raiva e inconformismo, estas palavras que muitas vezes tenho feito sentir a muita gente. Numa carta escrita à Senhora vereadora que substituiu na presidência da Câmara o Alexandre, eu diria isso mesmo: «para além da tragédia, estúpida, inaceitável e revoltante, a «perda» do Alexandre, como Presidente de Câmara

foi a maior fatalidade que poderia acontecer a Esposende, por certo, na nossa geração!

Losa Faria foi, sem dúvida alguma, um dos maiores Gestores Municipais que Esposende terá tido em todos os tempos. E, porque foi uma revelação, nesse domínio, apontado foi, também o seu perfil, como modelar, em termos nacionais. Conquistou prestígio além concelho.

Nem há exagero. Nem seguidismo político. Nem desejos de comparações. Seja com quem for. Antes e depois da «chamada» Revolução de Abril. É o que penso. É o que escrevo, sem receios. Como homem independente que sou. Graças a Deus!

Alexandre Losa Faria era um homem inteligente, perspicaz, com um espírito de visão invulgar e uma invulgar capacidade de trabalho. Com um «feeling» pouco comum para a actividade política que dominava com uma «souplesse» invejável.

Algumas vezes, muitas mesmo, depois do jantar, sobretudo em dias de calma, encontrávamo-nos ali pela «encosta» da Varanda da Barra, paredes meias com a Foz do Douro. A falarmos, invariavelmente de Esposende. Os grandes homens «falam» pouco e deliciam-se a «ouvir»... Era assim, um pouco, o Alexandre.

Recordo, por exemplo, com saudade a decisão sobre a «chamada» do grande Siza Vieira a Esposende. E eu, na circunstância apoiei-o e disse-lhe: «Não ouças ninguém...». Resolve. O nome dele e, o seu «currículum», dispensam opiniões. Siza Vieira é dos maiores. Lado a lado com o muito «nosso» Alfredo Viana de Lima, aqui nascido no edifício da velha Escola Rodrigues Sampaio. Eles dois são supra-nacionais! E foi preciso acontecer o desastre de 25 de Agosto no Chiado para o nome do Arquitecto Siza Vieira ser tão badalado, sobretudo na televisão. Pobre povo... não valente! Que políticos temos. Mesquinhez. «Invejidades». Muito «futebol» e também muito «fado»... Pais de Navegadores quase sem barcos e... sem velas!

★

Ali, pela «Varanda» da barra do Douro, encontrávamo-nos eu e o Alexandre. E vinham à «baila» muitas coisas curiosas. Lembro a decisão da «entrada» de Esposende para a Comissão Regional de Turismo do Alto Minho. E as reticências que eu fiz, — (muitas) —, a essa ideia do Alexandre. Ele ripostava dizendo que no dealbar dos anos

60, eu próprio tivera essa mesma ideia. Era então Presidente do Município, o Costa Leme e, representou a «nossa» Câmara, o Samuel. Foi um «encontro» histórico que eu realizei em Viana do Castelo. Existem documentos que falam por si. O Alexandre conhecia esses documentos. Anos mais tarde, eu tive a coragem de dizer ao Alexandre que a «situação» era outra: «Autri tempi... autri genti...». E que, em termos políticos, era erro o que viria a acontecer, embora fosse a solução razoável no imediato. E, não estava em causa Viana, diga-se de passagem!

Embora eu não goste de «falar» de «casos» em que os respectivos interlocutores estejam ainda no «activo», acrescentarei que o Alexandre recebeu uma carta minha, — uma longa carta —, reforçando a minha arguência sobre o caso da «entrada» de Esposende para a Região de Turismo do Alto Minho. E dizia Eu, então, que o único homem capaz, por razões políticas, estratégicas e sobretudo geográficas de enfrentar a força, o poder e, a influência do Eng.º Mesquita Machado na futura Região de Turismo do chamado «Verde Minho» era, inquestionavelmente, o Alexandre Losa Faria e, com ele o concelho de Esposende.

O tempo veio provar-me que era inquestionável o problema. E que eu tinha razão. Como Esposendense reafirmo-o hoje, sem peias nem receios!

Um dia, falarei desassombrada e corajosamente deste assunto! Prometo.

★

A variante à E.N.13 construída ao tempo da gestão do Padre Sá Pereira, — (homem que recordo com saudade) —, foi tema de algumas conversas longas com o Alexandre. O troço que passa a montante da vila, junto da Senhora da Saúde constitui, há alguns anos já, um forte estrangulamento à expansão urbana e, naturalmente ao de Esposende. E porque, já ao tempo, se desenhavam as grandes linhas mestras do sistema viário nacional, era tempo de «tratar» o caso. O Alexandre não descurava nunca e esse e outros problemas que eram e são vitais em termos de presente e de futuro. Como o da cultura. Por exemplo! Curiosamente nas nossas conversas, ali pela foz do Douro, nunca nos preocupou as «guerras de Arlequins e Manjeronas» que, ontem como hoje, são o

(Continua na pág. 10)

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Hoje temos uma boa notícia: o Tiago Jorge Oliveira que ganhou o PRÉMIO JOVEM no 5.º Concurso Nacional de Banda Desenhada, promovido pela Casa de Ramalde - Porto, e que já colaborou nesta vossa página, retoma agora a sua colaboração, com o desenho que publicamos, e talvez em breve possamos contar com a Banda Desenhada que lhe valeu o referido prémio. Que tal? É ótimo, não é?

SOLIDÃO

Por MADALENA MARISA FILIPE

A noite vai caindo e à medida que os raios solares vão cedendo a vez ao mistério e à fantasia da escuridão, o meu coração enche-se de um inexplicável medo, que a pouco e pouco se vai apoderando de todo o meu ser.

Lá fora não há ninguém, somente a imensidão de um vazio que entra sem bater à porta e se vai instalando sem pedir licença.

Estou só, sentada a um canto do meu quarto, com as luzes apagadas. Em casa já todos dormem, sem quererem saber da minha existência e dos meus receios, o que me entristece profundamente e faz com que uma lágrima teimosa escorregue devagar pela minha face e momentaneamente me dê um certo alívio e uma grande inveja de quem nunca soube ou sabe o que é a realidade da solidão, desta solidão que sinto e que tanto me magoa.

SER CRIANÇA

Ser criança é tão bom, é viver a brincar.
 Ser criança é tão bom, é viver a sonbar.
 Ser criança é pensar que o Amor é um beijo.
 Ser criança é querer ter um brinquedo no Natal.
 Ser criança é querer crescer depressa demais.
 Tudo é tão diferente quando somos crianças!
 A vida é tão mais fácil quando somos crianças!
 Mas tudo se transforma com o passar do tempo
 Torna-se pesadelo quando nos fazemos adultos.
 Ser sempre criança seria tão bom!
 Porque ser criança é ser-se inocente,
 É pensar que não há violência no mundo,
 É pensar que a vida é um lago azul,
 Sem tormentas.
 É pensar que o mundo é como bola de brincar
 Que não se deve furar.
 Ser criança é sentir no coração
 Todo o mundo a palpitir.
 É pensar que a vida se consegue brincando.
 Ser criança é sonbar
 O sonbo mais belo.
 Toda a gente devia ser criança
 Pois ser-se criança é maravilhoso.

MARIA DE FÁTIMA ANTUNES

NOVO DIA

*Por ti, eu era capaz de lutar,
 De procurar minha alegria
 Que fugiu de mim um dia
 P'ra nunca mais a encontrar.*

*Por ti, eu era capaz de sorrir
 Enquanto minha alma morria
 E de notar a beleza de uma ave
 Que, com amor, alimenta sua cria.*

*Contigo, fugiria
 Para onde a vida é eterna
 E o medo se dispersa
 Ao nascer de um novo dia!*

PAULO SERAFIM

PAUSA PARA SORRIR

A esposa lamenta-se: — «Parece impossível, homem! Passas a vida a ler! Quem me dera ser livro!»

Responde o marido: — «Então, era melhor seres calendário, porque assim eu trocava-te no fim do ano...»

★

Um doente, com muita tosse, vai ao médico. Este, ao auscultá-lo, ordena:

— «Diga *trinta e três*, três vezes.»

O doente, muito rápido: — «Noventa e nove.»

★

A patroa, ao contratar uma empregada doméstica:

— «E principalmente, quando for passear o menino, evite todos os perigos.»

A empregada tranquiliza-a:

— «Quanto a isso, pode a senhora ficar descansada. Eu quando saio vou sempre acompanhada por um soldado...»

★

Numa reunião feminista, uma oradora gritava, cheia de entusiasmo: — «Eu sou pelos direitos da mulher!!! Onde estaria o homem, se não existisse a mulher?»

Dentre a assistência, responde uma voz masculina: — «No Paraíso!...»



Desenho de TIAGO JORGE OLIVEIRA

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

Sobre o caso do Parque Automóvel do Hotel do Pinhal

Do Sr. Aníbal Soares recebemos o texto que abaixo transcrevemos na íntegra.

«Caro Dr. Saraiva,

Aqui está parcialmente a «minha posição» sobre o assunto que o Senhor Dr. denomina «Caso do Parque do Hotel do Pinhal», ou não me conhecesse há tempo suficiente para saber que, pelo menos eu, responderia às suas «4 Grandes Perguntas» e tantas outras opiniões e insinuações que expressou?

Não será exactamente como me ensinaram na «Escola do Cadela» — que o Quim de Fão me perdoe a concorrência, já que vou inspirar-me na sua arte telegráfica para, nalguns pontos, sintetizar o máximo possível.

MUITO OBRIGADO pela defesa que o Senhor Dr. fez e sugestão que deu, sobre os benefícios preconizados para os Hotéis de Ofir. Esqueceu-lhe um detalhe: mesmo com o terreno de graça, onde estão as pessoas para fazer os hotéis em Fão? O Governo central atribui a taxa mínima de incentivos, SIFIT, para a região: mais ou menos metade do que para as termas; «carolas» ou «sonhadores» como o meu pai, só conheço um Aníbal Soares, que o «governo local» tem «apedrejado» de diversas formas.

Ainda ninguém reparou, que não fosse a carolice do Dr. José Soares por um lado, e o Casino da Póvoa por outro, Fão não teria Hotéis?

Obrigado pois, mas não esqueça ao menos, a prioridade cronológica quanto às «condecorações» a atribuir aos que apostaram nestas terras fangueiras, e delas nunca ter retirado NADA.

Terreno da Restinga: consegue o Sr. Saraiva licença das inúmeras entidades a consultar para fazer o 3.º hotel Fangueiro naquelas paragens? Se conseguir diga, que eu faço-o.

Vedação em rede do parque já murado há quase 5 anos: O Aníbal não é parvo para «fazer filhos em mulher alheia». Quando, por assim dizer, comprou por **Procuração** o Hotel, fez exactamente um ano, aquando da célebre Assembleia de Freguesia de 9 de Outubro último, não exclui nada e até muito cuidadoso — veja a escritura junta, por favor: inclui a rampa, diz as delimitações, e superfície e pagou «cash».

Logo no primeiro ano pois, terminou o que já tinha sido autorizado em 1984.

Já respondo às suas perguntas.

A «discussão» que se gerou na Assembleia Municipal de 27/09/88, à qual o Senhor Dr. não estava presente, deveu-se sobretudo, aos misteriosos desaparecimentos do «projecto» do Parque de estacionamento. Mesmo assim, com aquilo que conseguiu obter, a Presidente da Câmara, já enviou o assunto para o consultor jurídico dar a sua opinião, quanto à propriedade do Parque do Hotel.

O Senhor Dr., homem que é, e qual quer um que saiba ler, de boa fé, e que

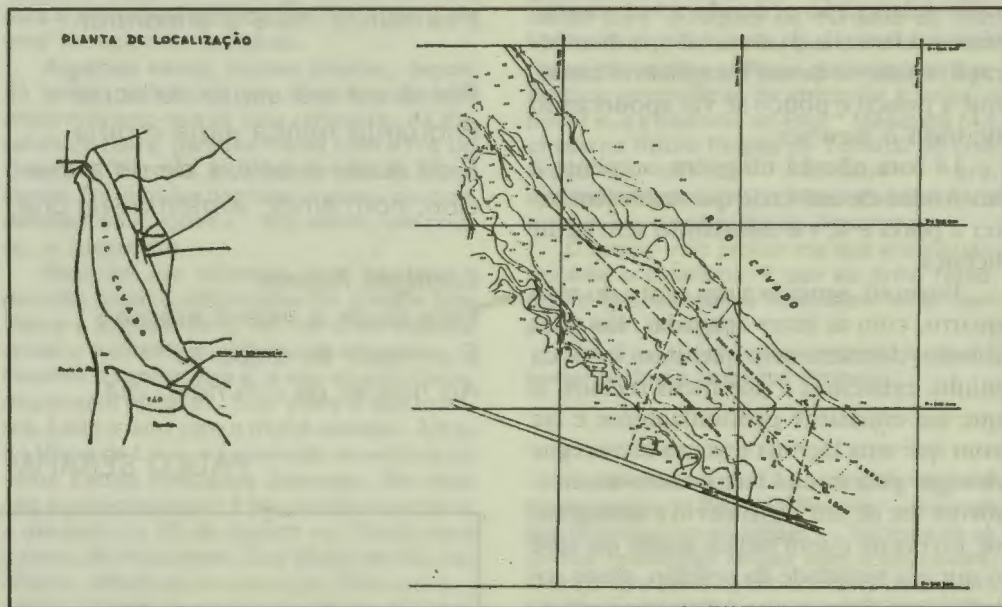
não seja burro, com elementos que desde há muito são do conhecimento público, não precisa de consultar para nada.

A autarquia máxima do Concelho fez o que devia, como representante do **Povo**, que tem o direito de ser informado.

Espero e agradeço entretanto que, numa demonstração de pessoa isenta que é, quando se referir a mim através do seu jornal, não utilize termos dúbios, tais como «apossou-se», ou «terrenos ocupados» quando se trata de aquilo que eu comprei. Agradeço ainda mais; que publique com particular destaque as **suas dúvidas**, especialmente as da posse dos terrenos, depois de parecer oficial, obviamente.

sa que «estabeceu a demarcação que achou razoável»: o que corresponde exactamente à totalidade do muro que já se encontrava meio feito, e com parte dos actuais suportes de cimento implantados. Obviamente que a «famosa» rampa estava incluída, quer no projecto, quer na sua demarcação.

Isto quer dizer que os limites do meu terreno vão para além do muro que foi edificado há 5 anos, já que no terreno e no papel, o próprio Presidente, (Engenheiro) fez demolir parte da vedação, indicando até depois, a primeira curva (há muitas testemunhas disto).



PLANTA DE DELIMITAÇÃO — Extrato das folhas 3 e 7 do levantamento das «Dunas de Fão», e «Estuário Cávado», executado pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos em 1954.

Entretanto vamos a elas:

1.ª Dúvida:

Espécie de aluguer: Esc. 11.136\$60, por ano.

Diz muito bem: «espécie de...», já que nunca tal se parece ter verificado no Concelho de Esposende.

Com que direito: com nenhum — apenas para desbloquear uma situação, que o próprio Presidente sugeriu (há testemunhas suas amigas), pois como também nunca ele teve dúvidas sobre o Diário do Governo, sabia que eu facilmente provaria as vezes que fossem necessárias, a posse dos terrenos e logo deixaria de pagar.

Foi isso que aconteceu, nem eu paguei mais, nem a Câmara reclamou fosse o que fosse, desde 1985.

Embargo da obra: apenas porque o projecto inicial era inferior em área ao terreno demarcado, facto de que eu me dei conta no decorrer da obra, pensando que seria natural executá-la pelos limites indicados nos marcos existente e proceder simultaneamente à respectiva alteração do projecto.

Tem o Senhor Dr. muita razão ao afirmar que foi o próprio Presidente Eng.º Lo-

2.ª e 3.ª Dúvida:

Quando o Hotel foi construído procedeu-se, quanto aos limites às seguintes operações:

a) Recuou-se o mesmo face à estrada cerca de 2 metros, reservados para estacionamento dos veículos dos clientes.

b) Recuou-se igualmente a nascente, o necessário para que um camião dos grandes pudesse ir abastecer de gás os tanques do Hotel. Por isso, só se construiu a tal rampa, dentro dos limites do terreno, à excepção de 120 m² na curva do fundo junto à Junqueira, pelos quais nunca negamos pagar um aluguer à Direcção Geral de Portos.

Indica claramente a posse dessa rampa, se mais não fosse, o facto do poste com as letras HOTEL, estar colocado do lado exterior da mesma, e não em cima do muro dos «bungalaws», como seria de supor.

Não fui eu, portanto, que me «apossar» fosse do que fosse, antes pelo contrário, houve simplesmente um aproveitamento abusivo, mas temporário, de certas pessoas que utilizaram os meus terrenos para fazer «cross» motorizado, destruindo parte da Junqueira: basta ver

os sulcos dos rodados que lá se verificam, e os «piqueniqueiros» do domingo que até veículos pesados utilizam para o efeito.

Isto já para não falar nas cenas erótico-pornográficas, com que há luz do dia, se apresentam aos hóspedes do Hotel, o que distingue bem o tipo de mulheres de «fora» que a isso se prestam, dos casais cá da terra, que também por lá passeiam e normalmente a pé, como deveria ser imposto.

c) Colocaram-se «austrálias», ao longo da delimitação do Diário do Governo, pensando inocentemente meu pai, que lá ficariam, para criar sebes iguais às que existem actualmente no Hotel.

Obviamente que sem uma vedação, as vacas comem-nas e os vândalos arrancam-nas. O próprio Sr. Armando Carneiro, me desaconselhou a fazê-lo, sem rede.

Obviamente que ninguém restringiu os limites da propriedade e como o Sr. Dr. Saraiva constata, o meu pai também gostava de saber o que lhe pertencia e eu herdei essa qualidade.

Não venha também o Sr. Dr. Saraiva confundir, as «muralhas» para suportes de terras, com delimitações de terrenos: por favor, compare os murinhos no Pinhal de Ofir, apenas divisórios da propriedade, com os outros.

Seria como misturar os sulcos do Douro, com as quintas onde se inserem, quase sempre sem qualquer delimitação aparente.

Delimitação posterior: Considera o Sr. Dr. Saraiva tão ignorantes os meus «opositores oficiais», para não terem descoberto ainda, se existisse uma delimitação posterior?

Eu bem sei que são poucos, e à excepção dos arquitectos, logo por azar (deles), parte interessada, logo duvidosa, os outros 3 ou 4 vindo por «simpatia» teriam mais em que pensar.

A menos que se entenda a usurpação do alargamento do passeio nos terrenos recuados por nós, como uma «delimitação».

Dr. Saraiva, preste atenção:

a) Há que distinguir marés altas e «regueiros», muitos dos quais provocados pelo homem.

b) Onde estariam: as Torres da Praia, o Hotel Ofir, a casa dos chamados «grandes senhores» — os novos, quer de um ou outro lado da restinga, e os «velhos» senhores» de Fão. Se não houvesse razoabilidade no entendimento da lei.

Tanto houve que até deixaram construir a Estalagem do Rio.

A propósito, deixe-me aproveitar a ocasião, para agradecer ao seu proprietário, construtor, hoteleiro e até arquitecto, quer resolva o problema dos seus esgotos, por duas razões:

1) Porque o vento Norte traz o cheiro do que vai para o Rio Cávado, em direcção ao meu Hotel.

2) Porque assim estaria melhor a «cara a dizer com a careta»; somos ecológicos ou não?

Usucapião:

Se porventura tivesse o cuidado de, como eu fiz, averiguar o que seja a «usucapião», certamente nem sequer lhe teria vindo à ideia aludir à possibilidade de se aplicar aos terrenos ocupados, essa figura jurídica.

Foi uma referência inteiramente despropositada que não seria mais do que isso, se porventura não tivesse o efeito de lançar infundadas suspeitas em leitores ainda mais impreparados que o Sr. Dr. e eu na matéria.

Como também não sou perito nela, por isso não me alongo mais, já que teria de entrar em pormenores, naturalmente maçadores e provavelmente não muito rigorosos.

Para terminar, confirme somente que:

Há apenas duas hipóteses para um facto concreto: a existência do Parque do Hotel do Pinhal, tal como está construído e terminado:

a) As desculpas ao Sr. Aníbal Soares, pelos incómodos que lhe têm causado.

b) Uma renda, já fixada, se as fadas «virassem» bruxas.

Muito obrigado pela oportunidade de passar a escrito, o que tenho andado a proclamar há longos anos.

Em tempo:

1) Agradeço a publicação anunciada da «planta» que saiu no Diário do Governo (houve alguém que disse ter sido eu que a fabricou...)

2) Faço notar que, na Ordem do Dia desta Assembleia de Freguesia, o assunto do parque nem sequer constava.

Tratou-se de uma Assembleia Ordinária para tratar dos interesses gerais de Fão, obedecendo ao «Regimento» de ser convocada 4 vezes por ano: esta foi a terceira de 1988.

E ainda:

Após a retirada do Sr. Dr. Saraiva, falaram-se de outros assuntos de muito maior interesse. Apenas a título de exemplo:

«Limpeza» da Junqueira e Margem do Rio: limpeza mesmo, não apenas os papéis e plásticos — não entro em pormenores, porque não faço política, nem utilizo o seu jornal para expressar as minhas opiniões pessoais, sem mas pedirem.

Posto do Turismo de Fão/Ofir: Sem funcionamento.

G.N.R. em Fão: para quando?

Mercado, etc., etc.: idem.

Saída do Concelho de Esposende da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, sediada em Viana do Castelo: foi aprovada, em acta, uma noção nesse sentido, para ser apresentada à Câmara.

Bem, isto dava para um jornal inteiro e fica para mais tarde, sempre que queira.

Finalmente parece que todos ficaram esclarecidos, tranquilos, a aguardar por um lado o parecer jurídico sobre os terrenos do parque e por outro o embelezamento **que já estava nos meus projectos,** da entrada da rampa, substituindo por um muro com floreiras, as redes que provisoriamente se colocaram.

★

N.R. — Quando no último número abordámos o caso do Parque do Hotel do Pinhal, fizemo-lo com rigorosa objectividade, não dando razão a ninguém mas procurando-a. Nesse sentido pusemos, a final, quatro perguntas que andavam na boca do fangeiro médio. «O Novo Fangeiro» é uma instituição de Fão e, tal como as demais, deve zelar e lutar pelos interesses da terra.

O Sr. Aníbal Soares, a quem não compete responder a todas as questões, por motivos óbvios, enviou-nos a carta que transcrevemos acima e com a qual procura dar resposta aos quesitos formulados.

Lamentavelmente o proprietário do Hotel do Pinhal saturou a sua missiva de remosques irónicos, mas quanto a dar resposta às perguntas feitas, estamos convencido que o fangeiro médio nem as vai achar convincentes nem conclusivas.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Então vamos lá ajudar o colesterol a subir um pouquinho mais? Para isso, vamos tentá-lo com um

BACALHAU RECHEADO

Demolha-se um bacalhau pequeno, inteiro. Depois de demolido e ainda em cru, deita-se-lhe sobre a barriga o recheio que a seguir se indica:

«Faça um refogado com cebola, salsa, um pouquinho de alho e pimenta.

Junte-lhe um pouco da água onde cozeu ameijoas, mexilhões, ou outro marisco. Engrosse, a seguir, com farinha e está pronto o recheio.»

Depois de ter colocado este recheio sobre a barriga do bacalhau, coza-a com linha, para não abrir.

A seguir, ponha o bacalhau, untado com manteiga, numa assadeira, com azeite e rodelas de cebola, e leve ao forno.

Depois de assado, deite no molho uma gota de sumo de limão (de preferência na altura de servir).

E quanto a doçuras, vamos ao

BOLO MARIA CONGOSTA

Açúcar — 250 gramas.

Farinha — 250 gramas.

Fermento — 1 colher de sopa.

Ovos — 2 (inteiros).

Leite — 1 chávena das de chá.

Manteiga — 1 colher das de sopa.

Raspa de limão — q.b.

Batem-se os ovos com o açúcar até fazer bolhas; junta-se então a farinha (com fermento), o leite, a manteiga (derretida), e a raspa de limão. Querendo, pode deitar-se também uvas passas, coríntias, ou pequenos pedacinhos de fruta cristalizada.

Vai ao forno a cozer, em forma untada com manteiga.

Oxalá gostem, e o colesterol vá subindo por aí acima...

TIA MARIQUINHAS.

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

— «Evolução na continuidade» dos nossos pontos de vista.

— Não pretendemos separar. Apenas unir, se for possível. Também não concordamos com «penachos» em qualquer cargo. Não só nas autarquias...

— Os jornais aumentaram os seus leitores. Puderam. Estes fangueiros são uns sádicos!

— O Boletim esgotou nas bancas habituais. Foi preciso recorrer às fontes...

— Pelos vistos, «Tarrafal» já tem ramificações... com rede e tudo. Menos a «farpeada».

— Farpas... Estucadas e Bicadas... dão-nos oficiais do mesmo ofício. Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço.

— Os fangueiros sempre foram «conquistadores». Até... de terrenos.

— É ver o que narram os livros da Junta de Freguesia... e não só...

— O próximo ano será o ano A da nossa vila.

— Fão vai ter uma fatia substancial do orçamento municipal, para grandes realizações. Senão vejamos o programa das... «festas».

— Palácio dos Troços — Mercado.

— Anfiteatro - Auditório anexo ao palácio, para mais fácil «Troçada» para o palco.

— Tunel, avenidas... já ninguém atravessará a E.N. n.º 13.

— Novo Salão Paroquial. Novo Centro de saúde. A Cantina vai ser restituída?

— Clube Náutico, com avenida e carinhos... no Senhor de Fão.

— Novas avenidas: à beira-rio; à beira-mar.

— Campo polivalente de jogos. A planta está pronta há quase quatro anos. Lembram-se de estar exposta nas montras da Rita Figueira?

— Piscinas de água quente e fria. Campos de Ténis.

— Conclusão: vamos todos, fangueiros que amamos a nossa terra, votar neste projecto. É uma realidade. Então já não acreditam?

— Pelos vistos, Diabo já não há. Há diabos. Não admira! A multiplicação da espécie atingem os diabos... É que o calor faz germinar e multiplicar as espécies.

— Nem tudo é mau. O futebol de Fão tem vivido, nos últimos anos, de uma dúzia de carolas-fangueiros e afangueirados que nunca dizem não. Mesmo a nossa Junta, na sombra, ao que sabemos, continua a apoiar o futebol fangueiro.

— O Zé tem razão. Digam lá o que disserem, o Presidente da nossa autarquia, quando toca a ajudar, nunca diz não. Na parai, no Linhares, na Câmara eles puxam uns patacos para a bola. Ele não deixa morrer as actividades fangueiras, sobretudo as populares... romarias, futebol e outras...

— É, depois, digam lá que a Junta não faz nada!

— Fogueiros não são. São só os «mordomos». De César... o que é de César. Do Presidente o que é do Presidente... e só.

— É preciso que se digam as coisas com independência...

— O que não dá para entender é a do Secretário!

— Não nasceu em Fão. Não vive em Fão. Só aparece no fim do mês. Diz-se. Eu ouvi mas não confirmo. Então quem secretaria as reuniões? Quem faz as actas? Será que não há actas?

— Que na terra há pelxe... não me admira. Mas nabos... só na vizinha.

— Pelos vistos, o Presidente que é bom moço e muito democrata tem de ser mesmo um presidente à moda antiga: Presidente/Secretário/Tesoureiro/Vogal/Consoante.

— Precisamos de uma Junta a tempo inteiro, tantos são os problemas a resolver.

O nosso Presidente tem pinta para vice... está em todas. Já se fala nisso. Sabiam?

— Quando se acaba com os contentores do lixo no centro de Fão?

— À volta de cada contentor, há uma rhencha de gordura nojenta. Maternidade de moscas e de... gatas.

— Uma terra vizinha substituiu-os por contentores individuais que cada utente guarda nas suas casas.

— Havia mais umas «bocas» a escrevinhar, mas em Dezembro há mais.

— Vamos projectar iluminações de Natal, música de encanto!

— E também daquilo que queremos e exigimos para a nova época balnear. A de 1989.

★

CARTA ABERTA

Sr. Dr. Saraiva.

Na última ocasião em que nos encontramos, o amigo falou do artigo de fundo sobre «Cultura em Fão».

Não esqueça de referenciar o grande centro de cultura que foi a sala de explicações «de Borla» do Sr. Dr. Alceu.

Por lá passaram mais de duzentos alunos, entre 1958 e 1970. Alunos que, se não fosse ele, teriam hoje outra profissão.

Foi um centro que causava inveja, pois os alunos que saíam das mãos do Dr. Alceu primavam por altas classificações a matemática. As melhores notas a matemática, dos alunos externos do Liceu da Póvoa, naquele tempo, eram do Centro do Dr. Alceu.

Além disso, quando um aluno ia à oral o sr. Dr. Alceu, desinteressada, acompanhava-o junto dos amigos que tinha no Liceu.

Pena foi que muitos desses alunos se tivessem esquecido de lhe prestar a homenagem e agradecimentos devidos, nas últimas horas de vida do homem que viveu para uma ideologia mas que nunca pretendeu impingir-la como o futuro o provou. Trabalhou muito pelos jovens dos anos sessenta, criou muitas raízes e quebrou medos que as gerações anteriores tinham adquirido numa educação muito limitada.

Sé há alguém que fez alguma coisa pela cultura, parece-me que o sr. Dr. Alceu, em Fão, foi um pioneiro difícil de ter seguidores no seu escalão. Foi o maior, no meu «Ponto de Vista».

DIA DE FINADOS

Como vem sendo tradição, celebrou-se no dia 1 de Novembro o Dia de Finados. O cemitério cobre-se de flores e inúmeras pessoas concentram-se no cemitério, junto às campas dos seus entes queridos. Não é tanto um dia de dor pungente. É mais um dia de saudosa resignação.

Uma procissão, presidida pelo nosso prestigiado pároco, P. Vilar, saiu pelas 15 horas da matriz e percorreu os principais arruamentos do Campo Santo.

Como sempre, muitos fangueiros que labutam e vivem fora da terra, alguns que já nem aqui surgem no Senhor de Fão, apareceram neste dia para visitar amigos, familiares e sobretudo os seus mortos.

CÁVADO

*Quem me dera, quem me dera,
Bem voltar a ser menino,
Para ver o «nosso» rio,
Asseado e cristalino...*

*Quem me dera, quem me dera,
A menino bem voltar,
Para as tainhas, lá na Barca
Ver, frementes, a saltar...*

*Quem me dera, quem me dera,
Algo que não volta mais,
Ver o rio — que era lindo —
Cercado de areais...*

*Que os Homens tudo estragaram,
Por demência e por maldade...
Quem me dera ser menino,
Que saudade! Que saudade!*

ALTAMIRO ALMEIDA MRQUES

CENTRO DE APOIO À JUVENTUDE — (C.A.J.)

Informamos que funciona, na Biblioteca Municipal de Esposende, o CAJ (Centro de Apoio à Juventude) de Esposende.

Este Centro tem como finalidade principal prestar a máxima informação aos Jovens deste concelho nomeadamente na procura de *Cursos de Formação, Cursos Superiores, Cartão Jovem, Campos de Férias* ou outro tipo de informação ligada a *Bolsas de Estudo*.

Esposende, 21 de Outubro de 1988

O Responsável pelo C.A.J.
Manuel Miranda



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o

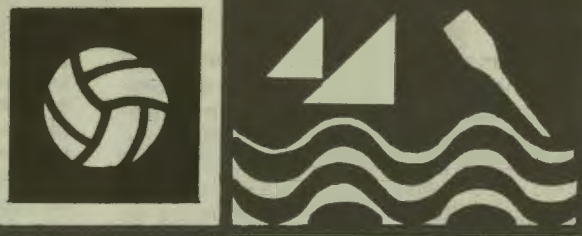


HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

DESPORTO



FUTEBOL

— Luís Campos, professor de Educação Física, nascido em Fão, tem prestado preciosa colaboração na preparação física do nosso clube. De referir a sua excelente posição profissional, pois além da sua actividade como professor liceal, faz o seu estágio como preparador físico na equipa senior de futebol do Sporting de Espinho. Tem qualidade e um brilhante futuro.

— Valdemar Mota, excelente defesa central, esta época ao serviço do Forjães F. C., tem tidos as melhores referências nos 3 encontros já disputados, cotando-se como o melhor jogador em campo.

— Zezinho, que muita falta nos tem feito, assegurou a titularidade na sua actual equipa, o Prado 3.ª Divisão Nacional.

— A pedido da Direcção do clube, fazemos eco das necessidades financeiras do mesmo. Embora a redução das despesas tenha sido drástica, o que nos permite afirmar, com orgulho, que temos uma equipa verdadeiramente amadora, hoje em dia tudo custa muito dinheiro.

E convenhamos que, com este estatuto, temos de mimar os nossos atletas com as melhores condições que de alguma forma os incentive e os recompense pelo esforço dispendido.

Apelamos a todos os fangueiros de boa vontade que de alguma forma ajudem o nosso clube.

FUTEBOL EM PONTAPÉ DE SAÍDA

Entramos com o pé direito no Campeonato Distrital da 1.ª Divisão. Com esta equi-

pa, a mais amadora dos últimos anos, impusemos um empate, em casa do Ribeirão, que segundo dizem, tem aspirações aos lugares do pódio.

O jogo foi agradável de seguir, com entrega total por parte dos nossos jogadores. Venciam por 1-0 até ao 97.º minuto, altura em que o adversário estabeleceu a igualdade. O árbitro deu o encontro por terminado sem reposição da bola em jogo.

Tão bem não correu a apresentação da equipa em casa, no confronto com o Pousa. A entrega foi total. A 1.ª parte, bem disputada, terminou com 1-0 a nosso favor. No entanto, na segunda parte, a equipa adversária, melhor preparada técnica e fisicamente, aproveitou bem a quebra física de alguns dos nossos elementos e marcou 2 golos. O resultado está certo, e sugere treinos mais puxadinhos... Bons apontamentos para o nosso n.º 10, José Manuel, que sem qualquer tipo de remuneração, se desloca da Póvoa de Varzim para vestir o equipamento do Fão.

A dupla João Viera/Luís campos (cuja colaboração nunca é demais realçar) tem trabalhado bem no lapidar da técnica e da adiposidade de alguns dos nossos jogadores.

INICIADOS

Os incansáveis miúdos (alguns pela 1.ª vez) também já deram pontapés na bola. Duas jornadas sem alegria do golo. As equipas adversárias pertencem a grandes clubes e o desnível é grande. Contra o Braga, o nosso guarda-redes foi buscar a bola para lá do risco, cerca de 16 vezes... Com o Esposende como adversário só lá foi 2 vezes. As coisas vão melhorar com certeza!

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

CURSO DE ARBITRAGEM

Se quer ser árbitro e tem mais de 18 e menos de 33 anos, o Conselho de Arbitragem da A. F. de Braga, tem abertas inscrições até ao dia 15 de Novembro, um curso de candidatos a árbitro.

RIOTUR

Sociedade de Turismo do Parque do Rio, sa

SEDE: OFIR - FÃO, ESPOSENDE

CAPITAL SOCIAL ESC.: 2.000.000\$00

(Matriculada na Conservatória Registo Comercial de Esposende, sob o n.º 55)

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos previstos no Art.º 377 do Código das Sociedades Comerciais, convoco os senhores accionistas da Riotur, sa, para reunirem na Sede Social, sita em Ofir-Fão, em Assembleia Geral no próximo dia 5 de dezembro de 1988, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. — Análise, discussão e eventual aprovação de um balanço, contas e Parecer do Conselho Fiscal, referido a 30 de Setembro de 1988;
2. — Decidir do aumento do Capital Social.

Ofir, 25 de Outubro de 1988

O Vice-Presidente da Assembleia Geral
JÚLIO JOSÉ CARDOSO E SILVA OLIVEIRA, Arq.º

CAFÉ SPORT

Um dos melhores salões para tomar café, chá ou fazer um bate-papo ou uma leitura mudou finalmente de mãos. Ainda bem pois aquela magnífica sala estava sub-aproveitada.

Como nos disse uma vez um conterrâneo a propósito de um caso similar, o que é preciso é ter unbas (sem ofensa para o Sporting).

Pois bem. As novas unbas pertencem ao sr. João, até há dias empregado da Rita (Fangueira).

O João é trabalhador, tem bom contacto (com o público), sabe da poda e portanto vai lá.

Esperemos que saiba fazer vir pessoas de propósito a Fão com as suas especialidades. E boa sorte.

ADEGA TÍPICA «BARROTE»

No dia 3 de Novembro em Esposende foi inaugurado a Adega Típica «Barrote», São proprietários os funcionários do Hotel Ofir Armando Lages e o nosso amigo David Duarte.

Na decoração o elemento mais em evidência são traves rústicas. Dá o nome: Barrote.

Era uma destas tasquinhas finas que se precisava também em Fão, mas os fangueiros perdem o tempo a discutir o sexo dos anjos, perdão, a discutir se o nome de Ofir se deve escrever acima ou abaixo do de Fão.

Portanto: quem quiser bom presunto ou vinho de Amarante vai ao Barrote.

DE APÚLIA

COMÉRCIO LOCAL — Na última correspondência de Apúlia, escrevemos que voltaríamos ao assunto em epígrafe, para focar os assuntos relacionados com o estacionamento, com a falta de contentores de recolha de lixo, o local da feira, e o trânsito.

Vamos hoje abordar os dois primeiros, ficando os restantes para uma outra crónica.

ESTACIONAMENTO — A população fixa de Apúlia deve andar muito próximo das cinco mil pessoas. No fim do Verão, é ponto geralmente assente e aceite, que esse número triplicará. Pois bem, toda esta gente congestiona o trânsito de peões nas ruas da zona da praia. Não é exagero afirmar que das primeiras horas do dia, até noite dentro, não existe um único metro de passeio ou rua que não estejam ocupados por peões e por veículos motorizados.

A dificuldade de transitar, sobretudo de carro, é desesperante. Para a resolução des-

te problema muito pouco se tem feito. Urge disciplinar o trânsito em vias de um só sentido. E urge, sobretudo, não permitir o estacionamento demorado, principalmente de autocarros, nas principais vias de comunicação, como são a Avenida da Praia, a Rua dos Sargaceiros, a Rua do Cónego, a Praceta do Salva-Vidas, etc.

E isto, que afinal pouco é, precisa de ser feito antes do afluxo dos meses de Verão.

CONTENTORES PARA RECOLHA DO LIXO

— Também este é, a nosso ver, de muito interesse. Aqui não é só a higiene que está em causa; é também a saúde pública. Nos fins de semana, o aspecto oferecido aos que nos visitam, é deveras chocante. É preocupante. Os contentores existentes, tampas abertas, a abarrotar de lixo, servem ainda de encosto a autênticas montureiras, que os envolvem e cobrem. Em certos dias (sábados e domingos) não se pode passar por perto com o cheiro pestilento e com as moscas. A veraneante, ouvimos nós que «aquilo» era caso para o Delegado de Saúde. Solução difícil? Também nos parece que não. Mais uma dezena de contentores colocados nos meses de Julho e Agosto, na zona da praia, e o problema ficaria resolvido. Para os outros meses, a não ser em casos pontuais, os que existem vão chegando para as encomendas.

AFINAL — Mal intencionados? Mal informados? Queremos crer que mal informados. Só que notícias destas não devem ser dadas de ânimo leve. Sem se querer «mexe-se» com toda uma terra. Também como no provérbio, aqui só deviam acreditar em metade do que se vê, e em nada do que se ouve. Foi pena, porque Apúlia merecia um pouco mais de cuidado. Mas acontece.

Claro, referimo-nos à notícia de um jornal de Esposende, que dizia, preto no branco, que Apúlia ia votar a extinção do seu grupo Desportivo em Assembleia Geral.

Não votou; mais, essa assembleia geral serviu apenas para confirmar os corpos ge-

rentes para a época corrente. Como se vê, ainda não foi desta. Esteve gravemente doente, é certo, mas não morreu. Curado para longa vida? Quem sabe? E qual é o clube pequeno que pode dizer isso? A assembleia geral elegeu os órgãos sociais, que têm sido fortemente apoiados, material e moralmente, por alguns bons apulienses.

O Desportivo de Apúlia, é ponto assente, vai continuar, porque os seus sócios, que são dez vezes mais do que os 21 da tal notícia, assim o quiseram.

N.R. — Por amabilidade do Café-Restaurante Girassol, os nossos assinantes de Apúlia poderão pagar a sua assinatura ao seu proprietário.

O preço anual de O Novo Fangeiro é de esc.: 500\$00.

AGORA, NESTE FINAL DE VERÃO...

(Continuado da pág. 4)

dia a dia deste país nosso! Geralmente o Alexandre sabia e conhecia bem os seus inimigos. Grande número dentro das fileiras do seu próprio «mundo» político. Como lhes dava a «volta», fazia-me pasmar! Há dias, em Santa Apolónia, esperando a «salvação» p'ra fuga que se chama o «Alpha», directo ao Porto, estávamos nós, o Eng.º João Diogo Alpendorada e o Jorge de Araújo. Veio à «baila» a «saga» do Alexandre em Esposende. Uma só opinião: *Esposende perdera um homem de excepção, um homem de génio, um homem de acção, um grande gestor, um grande presidente!*

Comentar? Para quê? Araújo foi o grande opositor de Losa Faria!

★

Não queria terminar sem falar ainda de Fão. Tenho andado, um pouco, a passear a velha FANUM da romanização. A calcorrear, vagarosamente, as suas ruas, vielas e congestas. Sobre tudo, a admirar muito do seu património arquitectónico civil e até religioso. Impar aquele, no concelho de Esposende. Como é involuntariamente bonita a terra de Fão. Um tanto adormecida. O esticão «Ofir», (anos 40), a lembrar sempre e saudosamente o RAUL DE SOUSA MARTINS, teve sempre aquele senão diabólico que se chama a E.N. 13 que «corta», na verdade e de facto, dos ciclos da história do burgo fãozense. No dia em que outra ponte surja — (e surgirá) —, e a estrada de hoje seja uma rua normal amanhã, Fão não parará mais em progresso e grandezal. Fica dito.

Num dos meus passeios em Agosto, deime a lembrar a morte do meu amigo Flávio Gonçalves. Que nasceu em Fão. E «falava» como tal. O Fangeiro conta da tragédia da sua morte. O Flávio suicidou-se, ali, paredes meias com a «sua» Universidade do Porto. *O verdadeiro culpado, continua a sujar o seu dia a dia na fossa pútrida de uma existência mórbida e louca.* A verdade, porém, é que Portugal e o povo português perderam, isso sim, um dos mais notáveis investigadores da Arte nacional, um incansável estudioso e um notável cientista dos grande, da nossa geração. Lado a lado, desde os bancos da Escola Primária, fomos sempre bons amigos! Dias antes do acidente que ele próprio provocou, o Flávio chorou, agarrado a mim, desesperado inconsolável. Tinham embranquecido quase de repente, os seus cabelos e, lia-se-lhe nas faces desgostos e desilusões que não conseguia ultrapassar. Nunca pensei, nunca, que um homem daqueles fosse capaz de «liquidar» daquele modo a sua própria vida...

Era notabilíssimo o seu «ficheiro». Notáveis os seus trabalhos publicados. É tempos de sabermos todos mais sobre o Flávio Gonçalves. Fão tem, nesse aspecto, uma palavra a dar. Esposende, obviamente, também!

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

LAURENTINA VELOSO FERNANDES TORRES LOSA FARIA, Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

FAZ SABER que o terreno situado no gaveto entre a Av. Marginal Eng.º Arantes e Oliveira e a Travessa do Hotel Suave-Mar, nesta vila de Esposende, com a área de 309 m², confrontando pelo norte coma Travessa do Hotel Suave-mar, pelo sul com João Fernando Fernandes de magalhães, pelo nascente com Augusto Meireis, Lda. e pelo poente com a Av. Marginal Eng.º Arantes e Oliveira, omissa à matriz respectiva e na Conservatória do Registo Predial, é considerado domínio público da autarquia, cuja localização e confrontações melhor constam da planta topográfica que faz parte integrante do presente Edital.

De harmonia com a deliberação do Executivo Municipal de 22 de Setembro último e de acordo com a intenção na mesma manifestada, se TORNA PÚBLICO que a Câmara Municipal pretende desafectar o referido terreno, por forma a integrá-lo no seu domínio privado, com vista à sua alienação.

Durante o prazo de 30 dias, a contar da afixação do presente Edital, poderão reclamar contra tal acto todo aquele que legitimamente se considere com direitos de propriedade ou fruição sobre o mencionado terreno, devendo, para o efeito, dirigir reclamação à Presidente da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital que vai ser afixado nos lugares públicos do costume e publicação num dos jornais mais lidos na área do Município.

e eu, Manuel Maria Martins da Silva Costa, Chefe da repartição Administrativa e Financeira da Câmara Municipal, o subscrevi. Paços do Município, 17/10/1988.

A Presidente da Câmara,

LAURENTINA VELOSO FERNANDES TORRES LOSA FARIA

CANTEIRO

Todo o coração da gente
Tem terra para um canteiro;
Quem lá coloca semente
Tem botões o ano inteiro.

E também flores, que a vida
Somente è vida, se tem
Uma roseira florida
Com o perfume do bem.

Mas sem frutos, não será
Esse canteiro perfeito;
Frutos sabendo a maná
Vindos do pomar do peito.

Quem tiver um tal pomar,
Abundante em coisas boas
com certeza há-de matar
Essa fome das pessoas.

Mas a fome que se sente
Tira a vida ao coração;
A maior fome da gente
É de amor e não de pão.

DINIS DE VILARELHO
Gondomar, 17-02-1988

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA CEBOLA

(Continuado do número anterior)

a) MÍLDIO:

A doença mais frequente é o míldio, que ataca as folhas e algumas vezes os bolbos. Pode atacar também as plantas nos viveiros. A humidade excessiva e as más condi-

ções de drenagem interna são favoráveis ao aparecimento do míldio.

As folhas das plantas atacadas amarelecem, ficam cobertas com uma pulverulência que a princípio é cinzenta e mais tarde purpúrea, com tonalidades mais ou menos pardacentas, acabando por murchar, duma maneira geral, a partir do ápice. Como tratamentos indicamos:

- a) KOR 80 — 250 gramas
+
Água — 100 litros
ou
b) VITANEBC — 400 gramas
+
Água 100 litros

Nota. — Tratamentos em pulverização.

b) FERRUGEM:

Esta doença aparece quando o tempo se apresenta seco e quente. Ataca não só as folhas mas também as hastes florais nas plantas destinadas à produção de sementes, tornando-as quebradiças e acabam por secar. Esta doença combate-se com:

- a) Vitamineb C — 400 gramas
+
Água — 100 litros
ou
b) Kor 80 — 250 gramas
+
Água — 100 litros

Nota: Tratamentos em pulverização.

c) MORRÕES:

Esta doença *pode atacar as plantas nos viveiros* atingindo os cotilédones. Quando se disseminam no terreno os esporos do fungo são muito resistentes mantendo a viabilidade durante vários anos e podem ser transmitidos pela semente da planta.

Nas plantas no campo ocasiona lesões nos bolbos, que se apresentam sob a forma de manchas escuras mais ou menos vesiculares. Esta doença afecta directamente a qualidade dos bolbos no seu aspecto e tamanho sobretudo.

d) PODRIDÕES BRANCA E NEGRA:

Estas doenças são bastante menos frequentes e quando aparecem atacam os bolbos a partir do núcleo central.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduob Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

e) PODRIDÃO CINZENTA:

Nesta doença os tecidos dos bolbos vão amarelecendo progressivamente até que as escamas apresentam uma coloração acinzentada, acabando por secar.

As condições que favorecem esta doença são sobretudo a secagem deficiente dos bolbos e as más condições de arejamento no local de armazenagem.

As cebolas brancas são mais sensíveis a esta doença de que as «amarelas» e as «vermelhas». Os bolbos provenientes de terrenos ricos em azoto são mais afectados por esta doença do que os outros.

18) COLHEITA:

Está relacionada com as épocas de sementeira e as variedades cultivadas. Assim nas variedades precoces as plantas estão no terreno 65/70 dias, enquanto que as variedades tardias chegam a manter-se na terra 150/160 dias.

A maturação revela-se pelo amarelecimento e inclinação das folhas, ou pela dimensão dos bolbos.

A colheita deve ser feita com tempo seco e quando a folhagem se apresenta somente amarelecida que é a fase em que os bolbos tem maior poder de conservação.

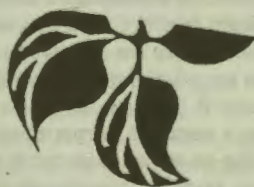
No nosso País, as épocas mais vulgares de colheita são:

- a) — No Norte — de Maio a Agosto
b) — No Centro — de Maio a Setembro
c) — No Sul — de Julho a Setembro.

Se o tempo estiver seco convém deixar as cebolas alguns dias 8/10 dias sobre o terreno, aproveitando a rama para as proteger da incidência dos raios solares.

(Continua na pág. 10)

DEZPC



BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDUSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
(Cleopatra
(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Chelix, Ukama,
(Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

19) CONSERVAÇÃO:

Os locais de conservação devem ser abrigados, bem arejados, secos e com temperaturas relativamente baixas.

As cebolas podem também conservarem-se em câmaras frigoríficas à temperatura de 0°C e com a humidade relativa de 64/70%. Nestas condições algumas variedades podem conservar-se durante 4 a 5 meses sem que os bolbos germinem ou sejam atacados por bolores.



MULTIPLANTA
Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.
VIVEIRISTA
PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS
ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®
(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)
OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES
TELEF. 42197 3060 CANTANHEDE

Tanto no armazém normal como nas câmaras frigoríficas a livre circulação do ar entre os molhos, résteas, ou caixas é essencial.

Nem todas as variedades tem igual poder de conservação.

As variedades temporãs têm maior tendência para gelar do que as tardias.

Os degraus de maturação e secagem são importantes para a conservação. Quando se aplica uma solução de hidratria maleica à razão de 200 gramas por cada 100 litros de água, cerca de 15 dias antes da entrada em armazém, esta facilita a conservação, pois contraria a germinação.

Os Senhores horticultores deverão visitar os locais de armazenamento com frequência para em devida altura poderem eliminar os bolbos grelados ou que tenham as películas exteriores manchadas devido ao ataque de fungos ou de bolores.

— CULTURA DA CEBOLINHA COMUM —

Dado que pensamos que esta cultura poderá ter bastante interesse algumas zonas vamos dar indicações preliminares sobre ela.

Assim, é conhecida por «Cebolinha Ingles». É originária da China, pertence ao género da cebola e à espécie «ALLIUM».

Fistulosul L.

Não obstante ser cultivada como anual a cebolinha comum é vivaz.

É uma planta com desenvolvimento em pequenos tufos verde-glaucos com cerca de 30 centímetros de comprimento. É uma planta rústica não tendo exigências especiais quanto a solo e clima. No entanto agradece terreno bem mobilizado, bem drenado, fertilizado e nivelado. Gosta de estreme bem curtido e que as estrumações sejam feitas com algumas semanas de antecedência em relação à cultura.

As variedades mais conhecidas no nosso país são:

A comum Vermelha e a Branca temporã, apresentando a primeira um sabor mais pronunciado.

Pode ser propagado por semente ou por divisões de tufos.

Quando a propagação é por semente pode ser feita em viveiro, ou logo no local definitivo.

A sementeira numa maneira geral faz-se no início da Primavera, ou um pouco mais tarde em regiões de clima mais agreste.

A planta deve ser feita em linhas espaçadas 15 a 20 centímetros.

Os cuidados culturais — são iguais aos da cultura da cebola.

A colheita deve ser efectuar-se 3 meses após a sementeira.

Além dos bolbos, as folhas desta planta são usadas na alimentação, pois, depois de cortadas utilizam-se para dar melhor sabor às diversas saladas.

— CULTURA DA CEBOLINHA GALEGA —

Pensamos que será outra cultura de interesse para os Senhores horticultores. Vamos dar algumas indicações sobre ela.

Esta cebolinha também conhecida por cebolinha miúda, cebolinha francês ou alho mourisco é originária das regiões setentrionais da Europa.

Pertence à Família das Liliáceas e ao género «ALLIUM». É vivaz, de pequeno porte

e de desenvolvimento rápido. As folhas têm propriedades aperitivas e estimulantes.

Os bolbos têm pequenas dimensões e têm a forma mais ou menos oval, agrupando-se em massa compacta.

As folhas são finas de coloração verde escura, com 10 a 20 centímetros de comprimento e semelhantes às da cebola, desenvolvem-se em tufos densos, dos quais emergem, na época própria, as hastes florais.

A cebolinha galega é uma planta bastante rústica, no entanto sofre com temperaturas inferiores a 12°C.

Gosta de terrenos frescos, bem drenados e ricos em matéria orgânica.



estrela
adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO





Composição:	
Humidade (%)	20 a 30
Matéria orgânica (%)	50 a 70
Azoto total (%)	2,0 a 5
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2 a 5
Potássio K ₂ O (%)	1,5 a 3
Calcio (%)	20 a 30
g/l	0 a 2
C ₁₀ - 12 a 25	

Plantação recomendada: 4,5 milhões por hectare

Ingredientes: Cálcio (Cal), Inositol, Sulfato de Ferro, Fumo de Tabaco, Cálcio (Cal), Sulfato de Sódio, Sulfato de Amónio, Sulfato de Magnésio, Sulfato de Potássio.

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53386 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viseu 3500 VISEU

50kg KILOS

Agradece uma boa estrumação com estreme de curral bem curtido, algumas semanas antes da sementeira ou plantação.

A sementeira em viveiro deve fazer-se no início da Primavera. A germinação dá-se uma a duas semanas a seguir à sementeira.

Em Agosto faz-se a transplantação para o local definitivo, onde as plantinhas deverão ficar em cada linha à distância de 20 a 30 centímetros umas das outras.

De 3 em 3 ou de 4 em 4 anos deve mudar-se a cultura para outro talhão.

Para esta mudança aproveitam-se os «Pés» que saem da divisão dos tufos das plantas que estavam no talhão antigo.


Os cuidados culturais são numa maneira geral, as sachas e a eliminação das más ervas. Sempre que haja períodos de seca, convém regar.

Nas regiões mais frias, com temperaturas no Inverno inferiores a 10°C, convém cobrir as plantas.

A parte mais utilizada destas plantas são as folhas não só em saladas, bem como em condimento, em molhos e outros preparados alimentares.

A colheita é escalonada, devendo as folhas ser cortadas ao nível do terreno, à medida das necessidades.

(Continua no próximo número)



TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMAS DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:
ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng.º téc.º agr.º

MORADA: TELEFONE:
Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém
3830 ILHAVO

O MUNDO EM QUE VIVEMOS Por E. REAL

AS GRALHAS, ESSAS MAROTAS!...

Já aqui afirmámos, mais do que uma vez, que as «gralhas» representam uma verdadeira praga para qualquer publicação, da mais modesta à mais importante. Mas também já referimos que eles são um flagelo inevitável, dada a falibilidade humana, por muito cuidado que baja ao fazer as revisões.

A ilustrar esta afirmação, há aquela história muito conhecida, que se conta como verídica, e que teria acontecido no Jornal diário de uma certa cidade portuguesa: na secção de Necrologia, a notícia do falecimento de determinado indivíduo, deveria terminar assim: — «À família enlutada, os nossos pêsames». Mas, por gralha, saiu: — «À família enlatada, os nossos pêsames». Já em si mesma, seria bastante importuna esta gralha, se não fosse um facto altamente agravante e embaraçoso: é que o falecido era dono de uma fábrica de conservas...

★

Ora aqui há tempos, deparámos, num jornal diário com o anúncio que se segue:

EMPREGADA

COM OU SEM EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL, IDADE MÁXIMA ATÉ 29RN34952 HABILITAÇÕES MÍNIMAS 2.º ANO CICLO.

Que nos perdoe o ilustre jornal de onde o respigámos e não veja nisto o mínimo sinal de troça ou de acinte. Nada disso. Nós bem sabemos — e por experiência própria — que ninguém está livre destas coisas. Pois se até em «O NOVO FANGUEIRO», que é tão pequenino, com tão reduzido campo para «pousar», elas «aterram» sem dó nem

piedade, que fará num campo muito mais vasto!

Não. Não houve nem há da nossa parte qualquer intuito crítico nem a menor ironia.

Acontece apenas que, numa época em que os motivos para rir vão escasseando cada vez mais, não resistimos à tentação de proporcionar aos leitores o pretexto para uma boa e saudável gargalhada.

RECITAL

No dia 16 de Outubro realizou-se na Igreja da Misericórdia um recital de música para flauta e percussão pelo agrupamento Miso Ensemble. Foram solistas, na flauta, Paula Azguime e em percussão, Miguel Azguime.

O espectáculo, dada a invulgar categoria dos seus intérpretes, foi um êxito.

Tratou-se de mais uma organização da Câmara Municipal de Esposende em colaboração com a Secretario do Estado da Cultura e da Santa casa da Misericórdia de Esposende.

ENCONTRO DE COROS

Organizado pela Câmara Municipal de Esposende e pela Paróquia de Antas, realizou-se no dia 29 de Outubro, na Igreja de S. Paio de Antas, um encontro de coros que teve e participação dos grupos de Gemese, Fão e Antas.

Disseram-nos que o Coral de Fão cobrou mais um êxito. Parabéns aos coralistas e ao seu Maestro. P,e Manuel de Faria Borda.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Jorge Santos
Florinda
Dinis de Vilarelho
João Freitas
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

XIV CONGRESSO DA APAVT'88

A nossa terra foi escolhida este ano para sede do XIV Congresso Nacional de Agências de Viagem, que é o maior congresso de turismo que se faz em Portugal.

Neste congresso os empresários turísticos estão reunidos para analisar os seus problemas e procurar encontrar as melhores soluções, uma vez que na próxima década vão defrontar-se com o desafio da competência, pois a partir de 92 o nosso país vai estar aberta à entrada de alguns dos grandes operadores estrangeiros.

O congresso teve o seu início em 9 de Novembro e termina em 13 do mesmo mês.

Na sessão de abertura realizada às 16 horas de quarta-feira esteve presente o Ministro do Comércio e Turismo.

O jantar de Encerramento realizar-se-á no sábado, dia 12 com o alto patrocínio do Instituto de Promoção Turística e a gentil colaboração da Sopete.

A escolha do congresso da APAVT'88 para esta região deve-se a uma atempada e feliz iniciativa da Câmara Municipal de Esposende. No próximo número daremos mais detalhes.

FALECIMENTO

No dia 28 de Outubro pôs termo à vida em Esposende João Machado Ribeiro, de 53 anos, empregado na indústria hoteleira, que nasceu em Fão.

Este conterrâneo, conhecido também pelo João Tamanheiro foi jogador de futebol com certa notoriedade, tendo envergado as camisolas do Penafiel e do Esposende.

Que descanse em paz.

CONCURSO «OS JOVENS E AS PESCAS»

Está a ser promovido pelo Centro de Formação Forpescas um concurso destinado aos jovens, na perspectiva da sua sensibilização para as actividades do sector pesqueiro.

Esta iniciativa enquadra-se no âmbito da EXPOMAR, que este ano ocorrerá entre os dias 8 e 13 de Novembro p.f.



Calatrava

albergaria ★★★★★ [R]

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fiúza Júnior, 157 — Telef. 22011-27434 — Telex 33331 latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

ROTARY DE ESPOSENDE EM FESTA OS BOMBEIROS TAMBÉM

No dia 21 de Outubro o Rotary Club de Esposende recebeu em visita oficial o Governador do Distrito 197, dr. Artur Lopes Cardoso. Tal acontecimento é sempre um motivo de festa para o clube visitado, pelo que aquela agremiação esposendense convidou para estarem presentes ao jantar várias entidades concelhias, nomeadamente a Presidente da Câmara que, não podendo assistir, delegou no vereador dr. António Nogueira o encargo de a representar; Monsenhor Baptista de Sousa, arcepreste de Esposende; D. Maria Amélia de Sousa Lemos Jorge, delegada escolar; dr. Américo, Presidente do Club de Lions e dr. Agostinho Teixeira (tem graça que sucedeu a outro dr. Agostinho (Reis), Presidente da benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Esposende.

Ora um dos pontos altos da reunião foi precisamente a entrega das chaves e dos documentos de um carro auto-tanque ao Comandante e Presidente dos Bombeiros de Esposende, oferecido pelo Rotary local. A história já veio contada nos jornais diários. Tal oferta, diria o dr. Juvenal Silva na sua intervenção (que só por ironia se entende) não custou nada, mas mesmo nada, aos rotários locais. Resultou da diferença abissal existente entre os países ricos e pobres da C.E.E. Com efeito uma empresa alemã mantém ao seu serviço vários pronto-socorros na corporação privativa dos bombeiros. Quando os carros atingem um determinado número de anos, são abatidos ao serviço. Um rotário de Esposende — Bisping é o seu nome — com família a trabalhar na dita fábrica, fez as demarches necessárias para que um desses carros fosse posto à disposição dos rotários de Esposende, partindo do princípio que aquilo que já não serve para uns poderá ainda fazer jeito a outros. A tal diferença abissal!... O certo é que o carro já foi testado, fez uma viagem da Alemanha até cá sem incidentes, serviu de câmara de noivos, apresenta uma auto-bomba invejável e está ali para durar. Há já uma segunda viatura na Alemanha, à disposição dos rotários concelhios. Desta vez são três bombeiros da Alemanha que a vêm trazer, subsidiados com dinheiro da C.E.E. O Rotary esposendense destina-a aos bombeiros de Fão.

Antes da chamada «apresentação rotária» deu-se a entrada de mais um novo elemento rotário, no clube de Esposende, perfazendo neste momento o total de 27.

ROTARY HOMENAGEIA O DR. AGOSTINHO REIS

No próximo dia 25 de Novembro vai o Rotary Club de Esposende homenagear o dr. Agostinho Reis pela sua recente aposentação.

Esta agremiação solicitou por sua vez o apoio do Grupo dos Antigos Alunos do Infante de Sagres que deu imediatamente a sua adesão e expediu já circulares a todos os «antigos» que foi possível contactar para estarem presentes no dia acima indicado.

Como é norma entre os rotários, haverá um jantar festivo cerca das 20,30 horas no Hotel Nélia estando presentes as autoridades concelhias e todos quantos se quiserem inscrever.

O dr. Reis foi professor de várias gerações, possibilitou a muitos a oportunidade de estudarem e por isso se espera que os rotários de Esposende sejam bem secundados nos desígnios da festa que vão promover.

Durante o repasto exibiu-se o Grupo Infantil dos Sargaceiros de Apúlia. Quem viu actuar aquelas crianças com entusiasmo, graça e saber, ficou com a certeza que o Grupo Folclórico dos Sargaceiros de Apúlia não morrerá. Foi um encanto e uma delícia ver actuar aquelas raparigas e rapazes, alguns com pouco mais de 7 anos. Uma das pessoas mais entusiasma-

das com a exibição dos «putos» era precisamente o Governador.

Já quase na parte final, o Presidente João Garcia Domingues solicitou a Lopes Cardoso que apresentasse a Rotary International uma proposta do seu clube para que fosse criado o Dia Mundial do Rotário com vista a desencadear-se esforços para que haja mais paz e compreensão entre as nações.

Finalmente a mensagem do Governador. Ele pretendeu convencer a assistência que o importante na vida de um clube rotário não eram os dias festivos com aqueles que se estava a viver mas sim o trabalho dos rotários na comunidade onde estavam inseridos.

UM PRETEXTO PARA FALAR DE ARTE

Há poucos meses, estive a tomar conta de uma Exposição de Pintura que continha obras de diversos autores, uns profissionais e outros, a maioria, amadores. E aprendi muito, pelo menos comprovei muitos dos meus pontos de vista.

Pimeiro, verifiquei que os mais ignorantes, os que menos contactos têm com as manifestações culturais, invariavelmente elogiavam os trabalhos pouco criativos e mal executados, amaneirados, munciosos, sem rasgo, certinhos como se fossem fotografados; e que os outros, os iniciados, os que mais ou menos vivem em contacto permanente com a arte, agradavam-se das pinturas com originalidade, verdadeiramente criativos e ainda por cima executados com mestria, com pinceladas desenvoltas, expressivas na mancha tosca ou inacabada.

Por outro lado, constatei que quanto mais ignorante mais atrevido... Aconteceu que um sujeitinho, por sinal bem vestido, com ar de pessoa importante, parou em frente de um trabalho abstracto e, em vez de nele se concentrar e procurar descobrir qualquer coisa que o levasse a apreciar, mesmo que depois concluísse não ser do seu gosto, disparou com isto: «Ora, esta porcaria até em faço. Quando chegar a casa vou fazer disto e amanhã trago para aqui».

Apeteceu-me, logo, abeirar-me do estúpido pretensioso e convidá-lo a tentar tal feito, mas desisti por saber que estaria perdendo o meu tempo. E o interessante foi o que sucedeu no dia seguinte: duas crianças francesas, um rapaz de 14 anos e uma rapariga de 15 (que, por sinal, estavam na minha terra por terem ganho em França um prémio) foram à Exposição para escolherem por conta do clube rotário francês que organizou, juntamente com o de Barcelos, o Concurso de Grafismo em que eles foram os pre-

miados, o quadro que mais gostassem. Pois, sabem o que se passou? Os dois pequenos franceses deram a volta à Exposição, pararam em cada um dos 48 trabalhos expostos e, por fim, voltaram a contemplar por momentos a pintura abstracta que fora escarnecida pelo tal sujeitinho grosseiro e atrevido, e num gesto rápido, decidido e simultâneo, apontaram-no e disseram: «É este que escolhemos».

Que concluir? Simplesmente isto: é que essas crianças tinham já um entendimento do que é a arte, estavam, com certeza, imiscuídas nos segredos dela. É que, como em tudo, só no contacto permanente com a obra de arte é que se pode estar apto a apreciar o que tem valor ou a desprezar o que não passa de fancaria.

J. AUGUSTO

Pagaram a assinatura

1984/85 - Dr. Armando Faria, Póvoa de Varzim, 1000\$00; 1984/85/86/87/88 - Carlos Lacerda, Riba d'Ave, 3000\$00; 1986/87/88 - Álvaro Nogueira Valentim, Esposende; 1500\$00; Merceria Aurélio, Fão, 1500\$00; 1987 - D. Edir Mariz da Venda, Fão, 500\$00; Fernando Pedras, Fão, 500\$00; 1987/88 - Manuel Ferreira, Esposende, 2500\$00; Luís Gonzaga Eiras de Azevedo, Porto, 1000\$00; António Teixeira Dias, Fão, 1000\$00; 1988 - João Eduardo Pinto da Costa, Porto, 500\$00; Cândido Ermida Vinha, Barcelos, 1000\$00; Eng. Romualdo Luís Ribera Salcedo, Porto, 1000\$00; Rufino Soares, Fão, 600\$00; Alcindo do Vale Gonçalves, Apúlia, 500\$00; Óptica Oliveira, Braga, 1000\$00; António Graça do Vale, Fão, 500\$00; Manuel Gomes Miranda, Brasil, 1000\$00; José de Freitas, França, 1000\$00; 1988/89 - D. M.^a Manuela Mendanha, Lisboa, 2000\$00; Valdemiro Belo Lopes Cardoso, Fão, 1000\$00.

AVENÇA



PORTE
PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO